



HABITANTES DAS CANARIAS.

DEIXANDO as picturesque e ferleis praias do meo-dia da Hespanha, em direcção quasi recta para a America do Sul, se o navegante dirigir a derrota um tanto sobre a esquerda, como é costume em taes expedições maritimas, e cruzar os mares d'Africa a igual distancia da ilha da Madeira e do cabo Mogador, passando pelo meo, dentro em pouco avistará na distancia de obra de 40 leguas, mas na linha do seu rumo, um pincaro escuro, que surgindo á medida da approximação do navio, ostentará em breve as robustas formas de um volcão magestoso, que campêa sobre o mar, que o cerca, com a estatua colossal de duas mil toezas. Proseguindo, achará o viajante este pico rodeado d'um pequeno archipelago, e depois de abandonar á esquerda dois ilhéus e duas ilhas mais avultadas, e á direita divisando outra de medianas dimensões, dará fundo no bellissimo porto de mar, denominado St.<sup>a</sup> Cruz de Tenerife, sem que se lhe escondam as costas de uma ilha visinha que apparece um tanto mais para alem e sobre a esquerda, não podendo porem ver outras duas occultadas pelo porto em que acaba de deitar ferro.

Já o leitor terá comprehendido que são as Canarias as que formam este espectáculo; e com effeito

são Clara, Graciosa, Fuente-ventura (\*) e Lançarote as que o navegante avistou primeiro; Palma a que mais ao longe divisou á direita; Canaria a que ao chegar a St.<sup>a</sup> Cruz via mais internada, mas proxima a esta; Gomera e Ferro as outras que Tenerife lhe não deixava descobrir. Este archipelago, situado a 280 leguas de Hespanha e 40 da costa d'Africa, é uma joia preciosa da corôa hespanhola, assaz desconhecida aos habitantes da sua metropole; paiz outr'ora afortunado (::), ao presente decahido e unicamente entregue a seus recursos; solo que a natureza profusamente adornou com todos os seus atavios e formosuras.

Propozemo-nos tratar destas ilhas importantes, e tomámos por guia seguro um escriptor hespanhol, o Sr. J. M. Antequera.

Os habitantes são em geral bem parecidos, de genio amavel e franco, hospedeiros e festivos, e de boas qualidades moraes: a estes dotes juntam demais as mulheres certa ingenuidade e natural graça, que muito agrada; e as de classe elevada devem equiparar-se ás das sociedades escolhidas

(\*) Que muitos chamam Fortaventura.

::) *Fortunata insula*: julga-se que são estas as ilhas *fortunosas* da antiguidade.

da Europa: a mocidade é agil, esperta, e de muita penetração, de que tem dado provas os mancebos que tem vindo a Hespanha seguir varias carreiras; a educação das senhoras é bastante esmerada, sobretudo nas cidades maritimas, e inteiramente á maneira ingleza; porque assim neste ramo, como no commercio e até em costumes e trato, os canarienses tomaram muito da nação britannica, havendo nos portos destas ilhas numerosos inglezes, que mantem estreitas relações com os habitantes, e que se aproveitam dos excellentes e barattissimos generos da terra, com a sagacidade que todos lhes conhecem.

Os trages das pessoas mais abastadas e polidas são em tudo semelhantes aos europeus: nas aldêas e gente de baixa condição notam-se algumas singularidades, de que se fará idéa pela estampa adjunta a este artigo: para um dos n.<sup>os</sup> immediatos reservámos a noticia dos aborigenes deste archipelago.

#### ESTUDOS MORAES.

#### II.

#### *O Parocho da Aldeia.*

(Continuado de pag. 349.)

A vida do velho prior passava na verdade dura e trabalhosa! Como todas as cousas deste mundo o egoismo da tia Jeronima não era acabado e completo, ou, para fallarmos em estylo de philosophia fidalga, não era absoluto. O limitado e imperfeito é o signal que o Creador estampou na fronte do homem e na face da terra para nos recordar a todo o instante a nossa origem; é a barreira que elle levantou diante deste grande mysterio de energia e de audacia chamado a intelligencia. Sabedoria, força, paixões, affectos, tudo tem um horisonte commensuravel — horisonte para as virtudes como para os vicios, horisonte para o contentamento como para a dôr. O espirito mede e abrange o que ha mais vasto e profundo; os ermos, os mares, o coração humano; porque ao cabo disso tudo está o finito. Immensa, eterna, absoluta, so ha uma idéa, que está fóra do universo. Esta é a idéa de Deus.

Por isso; grande é somente Deus!

Mas dizia eu que o egoismo da tia Jeronima era incompleto: digo mais: era incompletissimo. Quando o sacristão vinha alta noite quebrar o dormir risonho e variamente resonado do padre prior; quando á voz roufenha do ostiario aldeião despertando o pastor para ir levar as consolações extremas á ovelha moribunda e tira-la ja porventura dos dentes e garras do cão tinhoso, se ajuntava o trovejar ao longe da tempestade, o fustigar da chuva nas vidraças progressivas das meias janellas, e o ramalhar da ventania nos dois platanos do adro, era sem duvida que o resmungar da tia Jeronima, apparecendo da banda da sua pocilga com a candeia morfiça na mão e as roupinhas vermelhas do envez, tinha o que quer que fosse repugnante e vil. A boa da velha pensava acaso que a morte não seria tão descortez que negasse ao espirito do pobre moribundo o tempo necessario para poder, ao abandonar o corpo, subir como chammasinha tenue, e galgar para o céu sobre um raio do sol nascente? Póde ser que sim. Não seria, porem, antes, que ella preferisse o deixar frigidar por alguns seculos nas caldeiras do purgatorio aquella almasinha christã, lar-

gando a sua veste mortal sem os ultimos sacramentos, á necessidade de erguer-se por noite fria e tempestuosa para tomar nos hombros uma parte da cruz do ministerio parochial? Tambem isto póde ser. O que se passava no abysmo da sua consciencia cousa era que ella não revelava a ninguem; mas em todo o caso era um pensamento egoista.

Todavia é preciso confessar que com elle se misturava um sentimento puro e nobre: dizia-o esse cuidado pressuroso com que a tia Jeronima trazia as botas de côr terrea, o berneo de saragoça, o capote de barregana, o chapeirão oleado, e a aguardente de ginjas, sem um copo da qual o prior não ou-saria transpor o limiar da porta, e investir com as furias da noite procellosa; diziam-no a attenção com que mirava se elle ia agasalhado, e as mil vezes repetidas ponderações hygienicas que lhe fazia, com admiravel volubilidade de lingua. A affeição da santa velha mostrava-se em tudo isso viva e sincera; e o seu resmonear, que no meio das idas e das voltas, e do perguntar e do responder, ia rareando e abatendo como o assobio do furacão pelo valle, perdia gradualmente a expressão d'egoismo e convertia-se pouco a pouco n'um pensamento moral.

E o padre prior callado! — Callado enfiava as botas; envergava o gabinardo; cubria-se com o capote; punha o amplo sombreiro; enchia um copinho do excellente cordial que a boa da ama lhe havia posto diante; virava-o d'um golpe; fazia uma visagem fechando os olhos com força e estendendo os beiços; dava um estallido com a lingua no céu da boca; exprimia o íntimo conforto que nelle gerára o ethereo licór com um brrrahhh prolongado; estendia a pequena taça, cheia de novo, ao sacristão, que, mestre nos estylos de cortezia como nas ceremonias ecclesiasticas, se curvava formando com o corpo um angulo obtuso de 145 grãos despresadas as fracções, e arqueando o braço para levar o copo á boca sequiosa, como se curva e arquea um peralvilho de guedelhas sansimonianas e miolos d'agua chilra, ao conduzir em sala de baile a deusa dos seus affectos de vintequatro horas ao meio do turbilhão doudo e [perdoe-se-nos a blasphemia] um tanto parvo das valsas e contradanças.

Depois duas palavras magicas sabiam da boca do reverendo pastor: — «Até logo!» O seu effeito era instantaneo: o sacristão pegando n'uma lanterna com as chaves da igreja na mão encaminhava-se para lá seguido do padre prior: a tia Jeronima fechava a porta apoz elles; e como se o tentador estivesse esperando por esse momento, travava-lhe novamente do espirito, e o resmuinhar da impaciencia recomeçava em breve, acompanhado do ranger do linho na roca e do espirrar da candeia a espaços, e do respiro asthmatico do nedio gato do presbiterio, que enroscado na lareira, abria de quando em quando os olhos amortecidos, e os cerrava logo com philosophica indifferença, em quanto a tia Jeronima esperava por seu velho amo, e se lhe apertava o coração sentindo o temporal que passava lá fóra, e lembrando-se de que o enfermo poderia ter guardado para hora mais decente e commoda a agonia do passamento.

E pela serra fóra, caminho do casal remoto, vai o velho prior: adiante o sacristão com a lanterna e a ambula da extrema unction, e elle atraz com o ciborio. As poças d'agua reflectem essa debil claridade que as allumia, e fazem um contínuo plach, plach, debaixo dos pés dos dois caminhantes cujo passo appressam as cordas de chuva batidas pelos

furacões do sudoeste. Os pinheiros balouçando-se gemem tristemente, e os enxurros estrepitando pelos correios tiram com elles uma toada soturna. No céu profundamente negro não apparece uma estrella; — na terra ao longe, bem ao longe, não se descortina uma luz. A natureza debate-se comsigo mesma: tudo dorme entretanto nos cazaes e na aldeia, salvo o velho parochó e a familia daquelle que em transes mortaes espera o representante do Christo que lhe traga as derradeiras consolações e esperanças. Entre a philantropia humana e as agônias extremas dos pequenos e humildes a noite e a tempestade ergueram uma barreira quasi insuperavel: esta barreira desaparece, porem, diante da charidade que a todos nós ensina o evangelho, e que ao parochó impõe como dever imprescriptivel a sua missão sacerdotal e o seu caracter de pai dos pobres e dos affligidos.

A esta mesma hora, em que o velho prior assim vagueava por sendas alpestres exposto ás inclemencias de noite invernosa, talvez em aposento bem resguardado, no fim de ceia brilhante, entre as taças cheias de vinhos generosos, no meio de mulheres formosas e voluptuarias, embriagado em todos os deleites dos sentidos, algum famoso espirito forte cirzia remendos das dissertações soporíferas d' *Holbach* ou de *Diderot*, e dissertava profunda e veridicamente sobre a mandriice, egoismo, e cubiça do clero, ou carpia a superstição do povo, que, segundo a bemdita eschola da encyclopedia, para ser completamente feliz de nada mais precisa do que de abandonar as crenças do christianismo, e de amaldiçoar as esperanças de Deus, o conforto unico da sua vida de miseria, de trabalho e de amargura. E naturalmente os neophitos d'aquella philosophia extasiavam-se em redor do sabio philanthropo que impando de iguarias delicadas, de vinhos custosos e de grossa sciencia, só lamentava a ignorancia d'aquelles a quem muitas vezes faltava então, falta hoje, e faltará de futuro um bocado de pão negro para matar a fome; extasiavam-se alli diante da sensualidade e bruteza de um insensato vanglorioso, em quanto a virtude do velho clerigo, exercitada nos desvios dos montes e no silencio da noite, não tinha por testemunhas mais que um céu humido e cerrado, e o vulto impetuoso e bramidor da ventania; mas que em vez das lisonjarias de parvos tinha para o applaudir a voz sincera, consoladora e santa da propria consciencia.

Havia, porem, no fim de tudo uma differença entre o homem do evangelho, e da falsa sciencia. Era o systema das compensações. O padre prior, depois de cumprir com o seu dever voltava ao presbyterio tranquillamente: tirava o capote alagado, despia o gabinaro felpudo, sacudia a uma distancia rasoavel as ponderosas botas, e enfiando-se entre os grosseiros lençoes atava o fio do somno no ponto em que o deixára; e emballado brandamente por sonhos appraziveis só acordava sol nado e alto ao bradar da tia Jeronima, e ao cheiro da açorda fumegante, almoço que, como tudo o que era consagrado pelos seculos e pela tradição, elle profundamente respeitava.

E o nosso philosopho? O philosopho recolhendo-se alta noite para a sua pocilga d' incredulidade, ia todo o caminho provando a si mesmo que não ha diabos no mundo, nem alma, nem talvez Deus; mas sentindo arripiarem-se-lhe os cabellos ao ver dançar a phosphorescencia d' algum marnel — rezando o credo em cruz ao passar por algum cemiterio —

benzendo-se ao ouvir piar algum mocho. E depois de se deitar e adormecer sonhava... com que? Com as combinações infinitas da materia eterna de que deve, segundo as boas doutrinas, ter rebentado o universo? — Não! — Sonhava com as penas do inferno; e ao acordar pela manhaã com defluxo, pedia confissão e sacramentos.

Já lá vão vinte annos! Bom tempo era esse — ao menos para mim que ainda nem sabia da existencia do animal chamado philosopho, classificavel entre os *rodentia* — pelo medroso e damnhinho. — Em vinte annos que voltas tem dado o mundo! — Aquella especie vai-se acabando de todo. Auctores de comedias apressai-vos! Antes que se perca o typo, levai o incredulo á scena. Dai-nos algumas noites de rir doudo e inextinguivel.

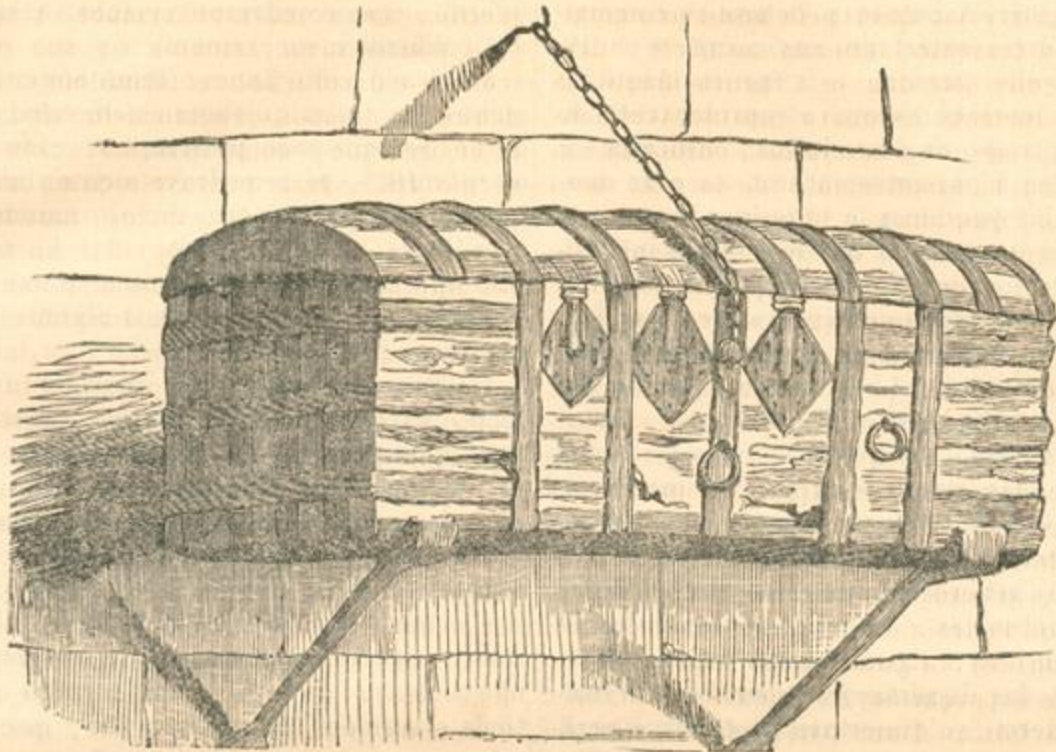
Os dias do padre prior corriam assim placidamente para o seu viver íntimo, posto que o duro mister de parochó lhe entenebrecesse muitas vezes os horisontes da vida material. E que importava, se todos na aldeia lhe queriam bem; se todos o acatavam como a summa bondade e, o que não é menos, como a summa intelligencia da parochia? Até o barbeiro, o proprio barbeiro, homem entendido e grave em materias de eloquencia sagrada, não constava houvesse jámais torcido o nariz ás praticas e sermões do padre prior, que elle, com a mão sobre a consciencia, punha acima dos melho-res de frei Timotheo — um fradalhão arrabido, cou-sa brava em gritarias ao divino, que por via de regra se incumbia das domingas de quaresma naquella freguezia e nas circumvisinhas com acceitação e applauso universal do auditorio; mas cuja fama era offuscada pelos periodos singellos do velho sacerdote, repassados de uncção, e daquella eloquencia de missionario que apesar de rude lá vai fazer vibrar o coração do povo, afinado pela crença viva, como a harmonia que se tira das cordas de dois instrumentos unisonos.

Agora porisso, — o que será feito de frei Timotheo?! Era naquelle tempo um frade guapo e alentado! O que será feito delle? Se ainda vive, tiraram-lhe o burel e a corda d' esparto — o seu capital; — venderam-lhe o convento — o seu tonel de Diogenes; — prohibiram-lhe o capuz e as sandalias — o seu direito inaufervel de andar trajado como lhe aprouvesse: — e mandaram-no, desarmado de tudo isso, pedir para o mendigo a esmola que se dava ao burel, ao esparto, ao convento, ao capuz e ás sandalias. Bom passaporte para frei Timotheo transitar pela valla plebea do cemiterio nos braços morbidos e suavissimos da fome! — Foi um progresso de civilização que se completou pelo lado moral com o augmento das loterias, das casas de cambio, e das traducções de novellas e dramas francezes. Bemaventurada a tão esperta nação que assim comprehende o espirito do presente seculo!

Duas cousas, porem, mais que as praticas e sermões, serviam para engrandecer e glorificar o padre prior não só diante dos homens mas tambem diante de Deus. Era a primeira o incansavel zêlo com que se applicava a apaziguar as rixas, a estabelecer a concordia domestica, a prégar o trabalho, a guerrear a embriaguez, e sobre tudo a santificar pelo cazamento as affeições illicitas: era a segunda o fervor modesto e o innocente luxo com que procurava celebrar as festas religiosas, principalmente a de S. Pantaleão, orago da freguezia e de quem tanto os aldeões como o velho presbytero criam afficadamente possuir o metacarpo da mão direita, o qual

devia ser de outro santo, ou não-santo, se accreditarmos [eu cá pela minha parte accredito] os parochianos da sé do Porto, que se gabam de ter de-  
baixo de chave S. Pantaleão *in totum* sem lhe faltar  
dedo de pé nem de mão — quanto mais um metacarpo inteirinho.

(Continuar-se-ha.)  
(A. Herculano).



O COFRE DO CID.

N'uma das salas a que dá entrada a crasta da sé de Burgos se vê, sustentado por enormes varões de ferro, e pendente d'uma cadeia do mesmo metal, um fortíssimo cofre ou arca de madeira, que parece ser de alamo negro, bastante carunchoso, de tosco feitio, e guarnecido todo de barras e argolas de ferro; tres robustas fechaduras o resguardam; a tampa é maciça e de uma só prancha: indica assim pela fórma, como pelo estado em que se acha e pelo grosseiro dos materiaes, pertencer a remota antiguidade. Tem as seguintes dimensões: seis palmos de comprido por tres de largo, e dois e meio de altura.

Tradição constante affirma haver sido o dono d'aquelle cofre o Cid Campeador (\*). Refere-se que vendo-se escaço de meios pecuniarios este guerreiro, quando intentava uma expedição contra Valencia, pediu a uns judeus uma consideravel quantia, e deu-lhes em penhor uns cofres, que lhes disse estarem cheios de ouro e joias ricas, mas que na realidade só estavam atulhados de seixos, posto que tapados por cima com riquissimas télas. Os hebreus, confiados na boa-fé do heroe, contentaram-se em vêr os pannos, sem descobrir para examinar o resto, e prestaram o dinheiro pedido, o qual lhe foi religiosamente pago assim que o Campeador ganhou uma batalha contra os mouros, na qual tomou preciosos despojos. Será este um dos cofres, que serviram naquelle estratagema? Questão é que não podemos resolver; todavia esta antigualha é veneranda pela tradição nacional.

Diz-se que ao passar Fernando 7.º por Burgos, quando voltava da Catalunha, o cabido fez arrear o cofre, e abrindo-o achou-se dentro uma espada, que por ser maior que o comprimento da arca estava atravessada de canto a canto: circumstancia esta que tambem nada explica.

IGREJA DE SANTA MARIA DO OLIVAL, MATRIZ DE TODAS AS OUTRAS IGREJAS DA ORDEM DE CHRISTO.

## II.

DISSEMOS que a fachada da igreja era coeva do castello e convento, e eis-aqui as rasões em que nos fundámos. Nós não podemos asseverar cousa alguma com certeza sobre a capacidade primitiva da igreja; sabemos pelo Tombo que elrei D. Manuel a reparou e fez ahi notaveis alterações; e que D. João 3.º lhe accrescentou as capellas interiores, e provavelmente tambem a capella-mór, ainda hoje mui pequena, para onde se passaram alguns dos jazigos que então foram desalojados de seu lugar. Se avaliarmos porem pela altura pouco consideravel do seu frontispicio e estreita dimensão de sua largura, a igreja devia ser de pequena amplitude. O frontispicio é gothico; parede grossissima de boa cantaria lavrada; a porta em arcada ponteaguda guarnecida de muitas e mui delgadas columnasinhas, sem ornato nem nichos para estatuas, como foi usado mais tarde na architectura gothico-sarracena. Por cima da porta e dando luz para o côro está um bello, transparente, grande e delicado florão, perfeitamente circular, de cujo centro, como de um ponto, sahem para a circumferencia varios e amudados raios feitos de fina pedra, formando os encaixes rendilhados das vidraças com labores e arabescos; lindo e muito elegante composto. É a unica construcção delicada, e de mais apurado gosto que ahi se vê. Pareceu-nos ao principio, pelo fino e acabado desta fresta ou florão, que poderia ser de data mais moderna, e até quizemos concerta-lo com as reparações e melhoramentos d'elrei D. Manuel: depressa porem nos desenganámos dessa lembrança, vendo que não ha hi as esferas que marcam as obras deste soberano, nem indicio o mais ligeiro de ser obra encaixada de novo, e melhor

(\*) Vid. a pag. 340 do presente vol.

ainda por ahí estar pegado e excellentemente insculpido na pedra o emblema a que chamámos o *signum Salomonis*, que evidentemente demonstra construção templaria, a que é allusivo aquelle symbolo.

Para entrar na igreja, quer pela porta principal, quer pela unica travessa, situada ao norte, descem-se actualmente sete degraus, prova manifesta que o terreno adjacente levantára consideravelmente: devendo notar-se que a igreja está edificada em alto, que não ha hi escorrimento de terras, nem alluvião d'aguas, que ahí não chegam; e por tanto similhante atêrro não póde proceder senão do grupo de capellas, casas e monumentos varios, que cercavam a igreja nos primeiros seculos da monarchia, e que pouco e pouco foram desabando pelo tempo, ou demolindo-se pelos homens; sendo os ultimos varridos dalli ha poucos annos, como abaixo se verá.

No meio das devastações antigas e modernas e da perda do cartorio, ficou ao menos intacto, por uma casualidade feliz, o Tombo da ordem de Christo, supposto seja d'uma data mais recente, pois foi feito pelo doutor Pedralvares, de mandado d'elrei D. João 3.º Não nos foi possível ver este curiosissimo documento; porem devemos á benevolencia e curiosidade patriótica d'um patricio da villa de Thomar, que o leu e percorreu, as noticias interessantes que aqui vamos consignar (\*). O sobredito Pedralvares personagem devia ser da ordem de Christo, ouvidor talvez, porque se lhe deu sepultura dentro da igreja. Começa elle por escrever, que aquella igreja de St.ª Maria do Olival havia sido construida para mosteiro de monges negros no anno de Christo 653, em tempos de St.ª Iria; que depois o ficou sendo de templarios portuguezes, e que dentro e fóra della estavam jazigos de grandes personagens. Deixemos por ora os monumentos sepulchraes, continuemos com a igreja e suas capellas, e com outros edificios exteriores áquella.

Consta pois do mesmo Tombo que no tempo d'elrei D. Manuel se fizeram grandes obras na mesma igreja: reformou-se inteiramente o tecto; fez-se serventia para o côro, que antes era por fóra, vendose ainda hoje as marcas do escadorio que para elle conduzia, encostado á fachada para o lado do norte. Por esse tempo e occasião se tiraram dois elegantes tumulos chamados dos *tamareis*, que estavam encostados á entrada da igreja. No tempo d'elrei D. João 3.º foram construidas as cinco capellas interiores do lado do sul, provavelmente para dar-lhe maior amplidão, e talvez por devoção aos santos a que foram dedicadas. Infelizmente porem este grande incremento que se deu ao templo foi uma calamidade para a historia e para as artes, porque se desmancharam os moimentos que estavam junto ás paredes desse lado, desapareceram as campas com suas inscripções, desalojaram-se as reliquias para as transportar a outros sitios, e apagou-se a memoria de muitas dellas. Uma confusa e vaga noticia ficou consignada nas historias e na tradição popular de que naquella igreja estavam sepultados todos os mestres dos templarios em Portugal, e os primeiros tres da ordem de Christo, porem assignar-lhes o local da sepultura não era isso dado a alguém, porque desapareceu tudo [á excepção de um só] com a mais barbara e deses-

perada crueldade. Devemos pois muito ao auctor daquelle escripto [o do Tombo da ordem de Christo], que parece não viu já aquelles monumentos, porem lembrou-se de mencionar as informações que encontrou, algumas das quaes comtudo precisam rectificação, como mostraremos. A igreja devia ter sido pouco vasta, singela na sua primitiva construção e decoração, conforme aos costumes simples daquelles tempos. Faltando-lhe todas as capellas interiores que, como dissemos, são do meado do seculo 16.º, teria provavelmente, alem do altar e pequena capella-mór, talvez mais dois altares no cruzeiro; ficava-lhe a sacristia ao norte, que por ser humida e mal construida se passou ao sul nos tempos tambem d'elrei D. João 3.º Tinha seu côro de cima com entrada exterior; ao lado, para o sul, a casa do prior ou vigario que administrava e presidia ao culto como parochia da povoação da villa, com sua cêrca de fraca importancia, se a avaliarmos pelo que hoje ahí se vê.

Um alpendre cobria e guarnecia a entrada principal, segundo o costume daquelles tempos primitivos, em que todas as construções pias eram para commodidade do serviço religioso, e pouco importavam ostentações nem simetrias d'architectura. Este alpendre, ou galilé, como lhe chamavam, era destinado a abrigar os pobres e peregrinos que ahí se acoutavam; servia para prégar ao povo em occasiões de grande concurso; e para administrar justiça, porque ahí estava a cadeira ou *séda* de pedra do alvasil ou juiz, posto pelos freires, senhores da jurisdicção civil e criminal no seu aro dominial, bem como o eram da ecclesiastica. O mesmo Tombo consigna outra antigualha mui curiosa, qual é a de haver ahí proximo um pulpito exterior donde se prérgava não só á multidão quando affluia, mas para que os mouros e judeus conversos podessem ouvir a doutrina christã e cathechese antes de poderem entrar na igreja pelo baptismo e admissão solemne ao catholicismo.

A torre dos sinos que hoje se vê em face da fachada e porta principal da igreja, diz o mesmo escripto, que fóra alteada para essa serventia por elrei D. João 3.º Não duvidámos que esta destinação se lhe dêsse nesse tempo; mas outra devia ter sido a idéa que presidiu primitivamente á sua construção. É ella, como ainda hoje se vê, uma torre gothica, forte de muros, com uma unica pequena porta do mesmo gosto, tudo de cantaria tosca. Isto, e o ser um pouco afastada da igreja, indica seria destinada a recolher e refugiar os freires, que ahí residissem no serviço da igreja, d'uma repentina correria de mouros. Tal era o costume e a prevenção usada naquelle tempo; pois sabemos que elrei D. Affonso Henriques mandára construir em Santa Cruz de Coimbra uma torre para segurança dos padres, companheiros e successores do arcebisgo D. Tello, a qual depois foi convertida em torre dos sinos como hoje é; e o castello d'Alcobaça não teve outra origem senão a de abrigar e defender de iguaes contingencias os monges cistercienses. O luxo dos grandes sinos, e de seus elevados e symmetricos campanarios, foi posterior de muitos annos.

A devoção dos fleis ao santuario de St.ª Maria do Olival, e a relevancia dos cavalleiros do templo que o administravam, a riqueza e preponderancia da ordem de Christo que lhes succedeu, foram pouco e pouco multiplicando alli as construções pias, de que vamos dar noticia.

(\*) O Sr. Pedro de Roure Pietra, mancebo tão zeloso, quanto amigo da gloria nacional.

## O PASSEIO DA PHANTASMA.

*Legenda do seculo 16.º*

CORRIA o seculo decimo-sexto. A Europa começava a acordar do prolongado somno da ignorancia em que tanto tempo jazêra; porem esse primeiro esforço da intelligencia, esse primeiro vislumbre da claridade, em relação ás massas contemporaneas talvez, longe de ser um beneficio, pudesse contar-se como uma causa mais de calamidade e dissolução. Proveitoso e util, como era forçoso o fosse, foi elle primeiro raio de luz, por isso que preparou os mais agigantados progressos dos seculos vindouros; na actualidade porem, como em todas as epochas de transição, licito é ao philosopho duvidar se classifique como prospero e bemfazejo, se como funesto e malfeitor, o primeiro despertar das rudes intelligencias da idade media.

Filha do claustro, do claustro monachal e fanatico, trouxe consigo a primeira tentativa o cunho da sua origem. Foram os primeiros ensaios as complicadas e metaphysicas questões de religião, que espalhando-se do claustro n'um mundo todo d'ignorancia e barbaridade, accenderam em todos o fanatismo o mais feroz; e as guerras de religião pelo menos tão cruentas e por certo mais teimosas e geraes que as da ambição até alli guerreadas; por isso que ao rancor dos partidos, á cobiça e sêde do mando e demais impulsos motores destas uniam a intolerancia e a sevicia que lhes foi propria; ameaçaram por um momento a Europa de tornar a precipita-la no abysmo de barbaria, do qual apenas começava a antever o termo e a sahida.

Longe de melhorar os costumes, de moralisar os animos da epocha, foram os primeiros effeitos de taes contendidas peorar uns e a completa desmoralisação de outra. Um scepticismo atroz, por isso que nem sequer se apoiava nas theorias de uma philosophia, que mais tarde sómente veio, senão de todo ao menos em parte, conter os seus sectarios nos limites da moralidade absoluta, veio abalar todas as crenças; e especialmente nos grandes daquella era apparece em toda a sua fealdade a nenhuma fé nas cousas divinas ou humanas, o desconhecimento total de todo o direito; e o quadro historico do seculo decimo-sexto, appresenta nos contos de sangue e assassinios sem fim, despidos de toda aquella tinta de poesia e de um certo magestoso, que appresenta o dos seculos precedentes, onde o espirito cavalheiresco, a exaltação religiosa, bem ou mal interpretadas por heroes inteiramente destituídos de illustração, faz ao menos nascer uma sympathia, um sentimento de admiração enthusias-tica por esses *bons tempos que já foram*.

As theorias governativas daquella epocha acham-se desenvolvidas no infernal systema de Machiavel. A força triumphava constantemente sobre a justiça e a rectidão, como nas eras de ferro recém-passadas; porem o ponto de honra, o amor da gloria, que douravam as cruezas de então, já não são proclamados no pendão dos cavalleiros, na lide dos campeões, o interesse, a avidez, a má fé são acclamadas sem pudor pelos grandes, e o fanatismo dos soldados, o rancor das seitas, fazem do quadro historico um verdadeiro tecido de horrores e confusão, destituído de interesse e de belleza para o leitor sensível.

Comtudo não deixa o seculo decimo-sexto de appresentar excepções á physionomia geral. Um sen-

timento, senão novo, ao menos até então comprimido e quasi reduzido ao silencio, começa a animar os homens daquella idade. A par das sophisticas discussões dos theologos, ao som do tinir das armas dos guerreiros, ao clarão das fogueiras do fanatismo, corporações inteiras, cidades e até uma nação, a helvetica, appresentam a attitude verdadeiramente interessante do povo pelejando pelos seus direitos, da humanidade reclamando os seus fóros perdidos, e é no meio das invasões das contendidas sem fim e sem motivo outro que a cobiça dos poderosos, que os cantões pastoraes da Suissa por uma parte, as cidades livres da Alemanha e algumas da Italia pela outra, mostram o intuito generoso, desenvolvido com a politica mais refinada, de reivindicar a sua posição propria e independente, de aproveitar para a confirmação dos seus foros as dissidencias, as paixões, a cegueira dos grandes oppressores.

Genebra sobresahe entre estes primeiros baluartes da liberdade, não só pelo valor dos seus defensores, como pela sabedoria dos que dirigem sua defeza. Com uma firmeza e uma obstinação verdadeiramente heroicas guarda a independencia contra as armas combinadas de tres potentados, qual o imperador de Alemanha, o rei de França e o duque de Saboya, seu inimigo natural. Combinam-se nas almas dos seus cidadãos o amor da liberdade de eras mais recentes com o fanatismo religioso proprio da era a que alludimos; porque não devemos olhar os republicanos de então exemptos da paixão da idade; fanaticos a par dos fanaticos contra quem lutavam, os discipulos de Calvino, se não lhes faltára a força e o poder do numero, houveram por certo convertido contra seus contrarios essas mesmas perseguições, essas mesmas fogueiras, que soffriam, e que tão amargamente lançavam em rosto aos proselytos mais poderosos da igreja romana.

Longa e aspera foi a contenda. Foi Genebra para os protestantes da Alemanha o que mais tarde e com menos fortuna foi a Rochella para os francezes, e contra os seus muros vieram quebrar-se de balde o poderio das tres potencias, as iras romanas, a intolerancia e perseguição, e as furias dos soldados do despotismo.

Não é nosso fim relatar os innumerados combates batalhados ante a cidadella da reforma, entre os fanaticos de uma e de outra crença. Vamos sómente pôr na presença dos nossos leitores uma tradição, que, pelas circumstancias romanescas que a revestem, nos parece propria a entreter a imaginação; pela sua natureza propria a mostrar-nos o caracter daquella idade, em que predomina a paixão do seculo, a paixão das republicas formadas sob a lei da reforma, fanatismo e liberdade, superior a todas as outras considerações, ao proprio sentimento do amor, tão poderoso em peito feminino; e finalmente acompanhada do maravilhoso, do sobrenatural, do terrível, associados ás legendas daquelle tempo supersticioso, e que ainda hoje influem nas idéas dos povos, no meio da civilisação actual, ainda na presença do espantoso desenvolvimento das luzes e da razão no nosso seculo.

Entre os mais acerrimos perseguidores da reforma contavam os discipulos de Calvino um principe a quem talentos extraordinarios, actividade de espirito sem par, e uma má fé commum a todos os potentados da epocha, dirigida com uma intelligencia acima do vulgar, grangearam o appellido de grande. Era Carlos Manuel, duque de Saboya, não

só pelas rasões de crença e sua alliança com as potencias catholicas, mas tambem pela sua proximidade aos limites de Genebra, o mais temivel dos contendores, o mais interessado na queda da cidade, e aquelle cuja presença continua mais incommodava os seus moradores. Treguas mais ou menos duradouras suspendiam por vezes a guerra aberta entre os dois visinhos; porem a má fé do tempo não permittia o inteiro descanço nos tratados, e o duque tanto na paz como na guerra entretinha constantemente na fronteira um exercito de observação, prompto a violar a suspensão promettida de hostilidades, na primeira occasião que se offerecesse de o poder fazer com vantagem.

Commandava [na epocha a que se refere a nossa narração] os exercitos do duque de Saboya o conde de Martigny, um dos generaes mais habéis do seu tempo. Eustachio de Beauvoisin por parte dos republicanos commandava a guarnição da cidade, e apesar de uma paz solemnemente jurada entre os dois contendores, nenhum dos chefes, nenhum mesmo dos soldados deixavam d'esperitar a occasião de mutuamente se surprenderem. Os saboyanos com tudo, mais disciplinados, não passaram nos começos da tregua de alguns insultos, de algumas provocações dirigidas quasi sempre contra os apóstolos da reforma, cujo vestuario e maneiras, affectadamente severos e simples, mais provocavam o escarneo do que o odio dos soldados de um senhor poderoso e opulento, qual era o duque. Porem a provocações desta especie respondiam os novos convertidos com amargas represalias. Apesar da boa guarda e vigilancia do exercito de Martigny, partidos da gente de Beauvoisin entravam continuamente as fronteiras catholicas, e alli vingavam nos cruzeiros das estradas, nos nichos dos santos expostos á devoção publica nos caminhos reaes, as injurias feitas aos seus missionarios, e mais d'uma vez correu o sangue catholico, quando sorprendidas nas capellas dos campos as irmandades devotas, celebrando alguma festa em louvor do santo padroeiro, os protestantes derrubando o altar, calcando aos pés a imagem do santo, derramando o oleo da alampada sagrada, completavam com o assassinio do sacerdote e dos adoradores a sacrilega profanação. O conde de Martigny pela sua parte não perdoava a algum dos fautores de taes actos, quando, como ás vezes acontecera, cahiam nas mãos dos seus soldados, e no logar mesmo onde uma cruz fóra abatida, arrojado um altar, violado um recinto sagrado, erigia o general uma forca, onde á falta do réu muitas vezes o innocente attestava a injuria e a vingança do chefe irritado. A inexoravel severidade com que Martigny seguia este modo cruento de retaliação, havia-o tornado para a comunidade de Genebra o objecto da maior execração, e em suas orações publicas, nas praticas com que concluia o serviço de sua seita, repartia Martigny com o demonio e o papa antechristo as maldições dos devotos protestantes.

Apesar destas scenas cruentas continuavam os habitantes de Genebra as suas excursões pacificas sobre o formoso lago, de que a cidade tira o seu nome. As pessoas de todas as idades, de todos os sexos entregavam-se, como ainda hoje, sem temor ou receio ás leves embarcações que coalhavam o soberbo lago. Nas noites de luar principalmente, um sem numero de velas brancas reflectiam os raios do astro luminoso, em quanto dos ligeiros barcos subiam ao ar hymnos de harmonia, vezes as mais

das vezes femininas, cantando ora a belleza das aguas que percorriam, ora as proezas dos campeões da liberdade e da fé.

N'uma destas noites, entre os barcos que graciosos passam e repassam sobre a limpida superficie, nas proximidades de Genebra, um batel mais atrevido sahindo da esteira commum approximava-se á margem inimiga da Saboya. Podia á claridade da lua divisar-se em pé no batel a unica figura de uma donzella delicada; em quanto na margem a que parecia dirigir-se, um pouco acima da aldêa de Clâse, em pé, e como ancioso contemplando a audaz navegadora, se divisava um soldado, cujo uniforme era o do exercito do duque de Saboya.

A nauta tocou a margem. Saltou ligeira em terra. «Cara Isabel!» diz-lhe o soldado cingindo-a em seus braços amantes. «Graças mil te devo, alma candida e generosa, pela entrevista a que vens com tanta confiança. Muito a desejei eu... e se ora souberes que tremo vendo chegada a hora desejada... talvez cuides que a alegria, o contentamento perturbaram o juizo do teu amante; porem não... Tremo... porque não é a um anjo como tu... nem á luz pura do astro que nos allumia neste instante, que deveria eu soltar as idéas infernaes que sinto no peito!...» Dizendo assim, uma nuvem negra como que passava sobre a fronte naturalmente morena do soldado... assustada a donzella aparta-se dos braços do amante que a não retém!... e ao vê-lo assim tão severo, tão deixado da costumada meiguice, um pensamento de dôr, um pensamento de receio assaltam-lhe o peito, cuida que foi trahida, que outro amor invadiu o logar que ella occupava na alma ardente do soldado, e com uma especie de frenesi: «Que dizes! e para isto, mofina de mim, atravessei o lago! para isto incorri eu a colera dos meus; violei os meus deveres;... menoscabei a minha lei... e o ingrato por quem tanto arrisquei... pertende hoje romper os votos sagrados!...» «Nunca» interrompe o soldado, e volve a apertar a donzella nos braços amorosos; em quanto mais descançada a joven discipula de Calvino, encostando no hombro do amante a loura frente, enxuga o pranto da suspeita ha pouco vertido. «Nunca» interrompe com força o soldado «deixarei eu de adorar-te. Em qaanto Deus me conservar a existencia, tua hade ser sempre. Porem, minha Isabel, esta paz enganadora, em que talvez acreditas, é um precipicio encoberto em que tem de sorver-se a credula innocencia dos que nella confiam. Fortes são as muralhas da tua terra, fortes e leaes as armas dos seus defensores... mas tambem lhe chegou a sua hora, e o progresso da destruição hade ser certo e secreto, como o curso do vosso Rhodano que se esconde debaixo das rochas da montanha para apparecer depois mais forte, mais magestoso.» E o soldado parou aqui. Uma inquietação visivel manifestava-se no seu rosto, e os seus olhos fixos ora na sua amada, ora nas distantes torres de Genebra, pareciam exprimir o seu cuidado naquella, e a sua certeza da ruina da primeira. Não menos agitada está a donzella. O pai, a patria, a fé, tudo lhe occorre a par do amor que a prende ao inimigo. Vertem seus olhos amargo pranto. «Negros são os teus vaticinios. Deus os affaste da nossa cidade.» «Nem Deus poderá salva-la.» — «Sobre ella vigia Beauvoisin.» — «Nem vigilancia, nem valor» continúa o soldado com toda a expressão do amor, «Isabel, a traição habita os vossos muros.

Amanhã o sangue inundará as ruas de Genebra. A espada do soldado cortará pelos teus concidadãos mais duros que as próprias muralhas em que põem sua confiança, por esses corações mais frios do que o lago que os defende.» Um sorriso d'odio e rancor satisfeito passou um momento sobre os lábios do soldado; mas ao ver as lagrymas da linda Isabel sentiu-se commovido. «Foge tu, meu amor. —Vem comigo—vem comigo habitar as bellas planícies da minha Italia...» —«Theodoro, esqueces a quem fallas. A filha de Beauvoisin não hade desamparar o pai na hora do perigo. A discipula de Calvino não hade desamparar os muros da sua patria quando o sangue correr nas suas praças e a traição passear suas ruas.» —«Teu pai será por mim defendido. As suas caãs serão respeitadas. Bem sabes que nunca jurei em vão—tenho poder para salva-lo.» «Meu pai aborrece o infiel. Ainda que a espada da morte visse apontada sobre o peito, correria ante o golpe, mais depressa do que accitára a protecção d'um soldado de Martigny.» E mais rapida que a gazella, Isabel saltou no esquife... O soldado quer demora-la. Já o batel tocou o meio do lago, e o saboyano viu, de cima da penedia, tocar a margem opposta aquelle barco, assim carregado dos seus segredos, das suas esperanças.

«Cão de mim!» exclamou o mancebo, entranhando-se na floresta visinha da costa. «Cão de mim, que fui talvez revelar ao inimigo o mais bello estratagemma... o fructo de longas meditações!... o que devia por uma vez entregar-me aquella cidade descrida!»

O resto pertence á historia. Martigny, confiado nas suas praticas no interior de Genebra, atacou naquella mesma noite a cidade. Em vez do socego e da imprevidencia que esperava, encontrou Beauvoisin apercebido. Gente armada sobre os muros: reservas dispostas nas ruas, promptas a repellir o ataque. A derrota dos saboyanos foi completa, e o proprio conde de Martigny cahiu prisioneiro, nas mãos de seus crueis inimigos, com mais de duzentos saboyanos, flôr do seu exercito.

Repicavam os sinos nas torres de Genebra. Sohiam ao céu as gritos de exaltação. O povo accumulava-se nas ruas que conduzem á praça principal. Senhoras primorosamente enfeitadas occupavam as janellas, todos os olhos estavam attentos no alto patibulo que se erguia no meio da praça, aonde, com centenaes dos seus, devia o infeliz Martigny expiar as sevicias que n'outro tempo exercera contra os seus actuaes vencedores. A milicia da cidade, formada em torno do patibulo, aguardava, com a anciedade cruenta do odio, a illustre victima do ultimo combate. Beauvoisin, a cavallo em frente dos seus, distinguia-se mais pela simplicidade severa do seu trage, do que pelas insignias grosseiras do commando que o adornavam. Com olhos severos fitava a janella onde sua austera auctoridade retinha a filha infeliz, a sensivel Isabel, que debalde quizera subtrahir-se ao espectaculo que ia ter logar.

A final apparece o funebre cortejo. Martigny, no meio dos prisioneiros, com o uniforme de general e a estrella no peito, caminha para a morte, como outr'ora caminhára para a victoria. —Precipita-se o povo ante os prisioneiros. Imprecações fanaticas saúdam a victima. Pararemos aqui. No soberbo inimigo, ora prostrado, reconheceu a filha de Beauvoisin o soldado da margem do Clâse, o Theodoro,

a quem deu o seu coração... Ha momentos em que a razão cede ao pezo da dôr, em que a consciencia desampara a alma prompta a partir; porque o homem, em tudo mesquinho, até na faculdade de soffrer, não basta a tamanhas maguas.

Isabel ainda sobreviveu ao seu amante doze mezes. Doze mezes viveu a infeliz n'um estado d'alienação completa. Recusou-se constantemente a toda communicação com suas antigas relações. O proprio Beauvoisin ensaiou debalde arranca-la ao seu obstinado silencio. A vista do pai já não excita na donzella os antigos affectos do amor e do respeito. Aparta-o de si com horror visivel. Todas as noites, á hora costumada, Isabel emprehende a sua navegação á margem do Clâse. Alli permanece de joelhos parte da noite, como deprecando a sombra do seu amante. Uma noite, o fragil batel, em vez de dirigir-se para a margem da cidade, levado da corrente, entrou no Rhodano, onde se sumiu para sempre, com a nauta infeliz.

Ainda hoje conservam os barqueiros do lago a tradição do conto melancholico. Debalde prometteria o viajante sommas avultadas para, á meia noite, atravessar o lago em direcção ao Clâse. O temerario que aquella hora se approximasse da margem fadada encontraria o batel da phantasma. Todas as noites sabe de Genebra, e com espantosa rapidez se dirige á margem saboyana, sempre direito ao Clâse, qualquer que seja a parte donde sopra o vento. O seu amante é fatal aos navegantes. Muitas vezes ouviram os aldeões visinhos da penedia os altos clamores da virgem prostrada sobre o rochedo; muitos a viram antes da hora da alva volver ao seu batel, e sumir-se com elle nas profundas aguas do rio, e o pescador do lago conserva com um temor supersticioso a legenda do — Passeio da Phantasma. —

*Fernando Luiz Mousinho de Albuquerque.*

Nas provincias mais frias do nosso reino e do visinho é constante o uso de aquecer ao *braseiro* durante a estação rigorosa: *brasa* é palavra commum ás duas linguagens hispanicas, e Covarrubias pertende que ella proveio do grego *bras* que diz tanto como o verbo latino *ebullio* que significa *ferver*. Seja porem qual for a etymologia do nome, a causa e origem do *braseiro* foi a notoria precisão de resguardar do frio: e quem o seu inventor?... Nova questão, tão inutil como a primeira, mas a que tambem se póde responder com desembaraço: —foi o primeiro que teve frio; e pouco importa saber-lhe o nome. — Se o pai do genero humano conheceu a industria de accender lume, devia ser elle o inventor daquelle commodo: assim o prova jovialmente um escriptor faceto. — Adão ficou sujeito pelo peccado a todas as miserias, desde a desgraçada golo-sina a que arranchou com sua mulher: — é certo que uma destas miserias foi o frio: — *ergo* nosso pai Adão, por ser o primeiro que teve frio, foi sem duvida o inventor do *braseiro*, de que se aproveitam aquelles da sua posteridade, que tem dinheiro para a lenha, e tempo e occasião de se aquecerem.

A verdadeira sabedoria não é presumpçosa: o sabio duvida muitas vezes, e não poucas muda de parecer antes de resolver-se a obrar; o nescio é fatuo, teimoso e nunca duvida, tudo conhece menos a sua ignorancia. — *Lord Chesterfield.*